

Piauí



Dona Luisa: a artesã que tece histórias de coragem e resiliência no Semiárido Piauiense

Assim como muitas mulheres de sua geração, **Luisa Rodrigues do Nascimento**, de 57 anos, teve a infância e a adolescência marcadas pelo trabalho na roça. Ainda menina começou a tecer tapetes e redes, e cuidar dos afazeres domésticos, como buscar quatro cargas d'água por dia, o que a afastou da escola.

“Não tive chance de estudar, porque era para trabalhar na roça e cuidar dos meus irmãos mais novos. Eu ainda tinha que carregar quatro cargas d'água por dia. Além disso, precisava tecer três redes e urdir uma de pano por dia, e ainda lavar roupa no ‘cantim’, que ficava longe também”, conta.



Dona Luisa se casou com **José Alves da Silva**, de 62 anos, pouco tempo após se conhecerem na feira da cidade de Pedro II (PI), a famosa Feira do Tamboril, que movimentou o comércio do município nas décadas de 1960 e 1970. Na ocasião, eles vendiam redes para auxiliar no sustento de suas famílias.

Após o casamento, ela continuou morando com sua mãe, pois não tinha casa própria e precisava ajudar a criar os 14 irmãos. Um tempo depois, mudou-se da comunidade Engenho Novo para a comunidade Santana, para viver na casa dos sogros. Mais tarde, dona Luisa e seu José foram para uma casa que basicamente só tinha o teto, mas aos poucos, construíram o novo lar de chão batido, sempre com muito amor e dedicação.

A residência atual de dona Luisa e seu José foi construída há mais de 15 anos no **Assentamento Salobro**, a 10 km de Pedro II (PI), onde eles criaram os seis filhos: **Francisco, Antônio, José, Maria, Pedro Henrique e Lucas**; e hoje ajudam na educação dos 12 netos.

Dona Luiza e as imagens do passado que inspiram o presente

No início do assentamento, em 2008, Luisa e José criavam algumas cabeças de gado. Durante o trabalho com os animais, começaram a perceber algo diferente nos morros: desenhos e formas gravadas nas pedras. Somente algum tempo depois descobriram que se tratava de **pinturas rupestres**, vestígios deixados pelos primeiros habitantes da região.

O tempo passou e em 2024 dona Luisa participou de um curso de artesanato. Entre as atividades, estava a visita aos sítios arqueológicos do assentamento. Incentivada pela educadora Inês Melo, decidiu transformar os desenhos rupestres em inspiração para o seu trabalho com os tapetes. Mesmo insegura no início, a artesã aceitou o desafio. A partir de fotografias das figuras que ela chamava carinhosamente de “bichinhos”, começou a reproduzi-las do celular no tear. Desde então, passou a tecer as formas rupestres e o nome da cidade, transformando cada peça em uma homenagem à história e à cultura do Semiárido pedrossegundense.

“Têm muitas pinturas rupestres diferentes que descobrimos agora. Eu aprendi outras técnicas, ainda mais novas e bonitas. E assim, estamos na luta. Quando aparece uma novidade, a gente corre atrás, e o pessoal está gostando”, afirma sorridente dona Luisa.

A criatividade da artesã lhe garantiu uma sala no **Shopping do Empreendedor**, localizado no centro de Pedro II, onde comercializa os tapetes com pinturas rupestres da comunidade, além de redes e semijoias.

Dona Luisa segue disposta a aprender e a buscar novas maneiras de conquistar os seus clientes. O **tear**, que sustenta sua família há décadas, é motivo de orgulho e coragem para ela continuar a tecer histórias e esperança a cada novo trabalho.

